

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
E LITERATURA

CLEBER ALVES ARAÚJO

**COGITANDO O MÉTODO RECEPCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE:  
Possibilidades de Recepção das obras *I love my husband*, de Nélida Piñon e  
*A moça tecelã*, de Marina Colasanti**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2020

CLEBER ALVES ARAÚJO

**COGITANDO O MÉTODO RECEPCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE:  
Possibilidades de Recepção das obras I love my husband, de Nélide Piñon e  
A moça tecelã, de Marina Colasanti**

Monografia de Especialização apresentada ao Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura”  
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Franz

CURITIBA - PR

2020

# TERMO DE APROVAÇÃO



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Ensino de Língua Portuguesa e Literatura



**Cogitando o emprego do método recepcional na prática docente: Possibilidades de Recepção das obras I love my husband, de Nélida Piñon e A moça tecelã, de Marina Colasanti.**

por

**CLEBER ALVES ARAUJO**

Esta monografia foi apresentada às 13:30 do 19 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de **Especialista no Curso de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** – Polo de Osasco - SP, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **APROVADO**

Marcelo Fernando de Lima

Marcelo Franz

Maurini de Souza

a autenticidade deste documento pode ser verificada através da URL:  
<http://certificados.utfpr.edu.br/validar/D22C1735>

A minha família que até aqui me encorajou

## **AGRADECIMENTOS**

A minha esposa Delma e minha filha Lavínia;

Aos meus pais Cícero e Maria (in memoriam);

A tutora do Curso, Larissa, que me incentivou a continuar;

Ao meu Professor orientador Marcelo Franz, que com respeito e compreensão me ajudou neste trabalho;

Enfim, meu agradecimento a UFTPR pela oportunidade de estudar numa Universidade tão conceituada;

## RESUMO

ARAÚJO, Cleber Alves. Cogitando o método recepcional na prática docente: possibilidades de recepção das obras *I love my husband*, de Nélida Pinõn e *A moça tecelã* de Marina Colasanti. 2020. 25f. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2020.

Esta pesquisa apresenta uma abordagem teórico-conceitual sobre a estética da recepção de Jauss e do método recepcional proposto por Bordini e Aguiar. Discute os conceitos de recepção proposto pelos autores com enfoque no leitor enquanto sujeito da interpretação e apreciação estética da obra literária. Problematiza-se o ensino de literatura pautado na cronologia das obras e autores e propõe uma alternativa metodológica. Apresenta-se as etapas do método recepcional e suas possibilidades de aplicação em sala de aula a partir de um tema, neste caso, a representação da mulher em nossa sociedade. O método recepcional pode ser uma alternativa metodológica bastante interessante porque considera o leitor como o protagonista da interpretação literária.

**Palavras-chave:**(Leitura, Estética da Recepção, método recepcional)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ER- Estética da Recepção

MR- Método Recepcional

## SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	08
2	O LEITOR: UM PERCURSO SOBRE A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E O MÉTODO RECEPCIONAL.....	11
3	COGITANDO O MÉTODO RECEPCIONAL EM SALA DE AULA .....	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	23
	REFERÊNCIAS .....	24



## 1. Considerações iniciais

O ensino de literatura no Brasil encontra muitas pedras no caminho para que a leitura literária se materialize dentro do contexto escolar. Cabe salientar que parte desse problema está ligado a práticas de ensino que privilegiam apenas os aspectos históricos e bibliográficos dos textos literários.

Segundo Cosson (2014), um dos principais desafios para o ensino de literatura é dar centralidade ao texto literário, algo que tem sido negligenciado por parte dos professores brasileiros. Para o autor não se trata de deixar de lado os aspectos históricos e bibliográficos das obras, pois estes contextualizam e facilitam a compreensão leitora dos alunos. No entanto, é preciso considerar o texto literário em sua integralidade, afinal, é na leitura da obra que o aluno vai tendo familiaridade com esse tipo de texto e vai construindo as relações de sentido possíveis, a partir do seu conhecimento de mundo e expectativas acerca de determinada obra.

De certo modo, a literatura na escola deve romper com os limites da periodização histórica e bibliográfica, a fim de tornar-se o caminho para a construção do conhecimento sobre o mundo, sobre o homem e suas paixões, enfim, sobre a vida em seu mais amplo sentido.

A escola, como instituição de veiculação do saber, jamais pode negligenciar a experiência concreta com o texto literário, pois é por esta experiência que o aluno vai dilatar suas limitações culturais e sociais, alargando assim seus horizontes.

Pensando sobre tais problemas, acreditamos que seja possível mudar o atual panorama do ensino de literatura em nossas escolas por meio de novas metodologias de ensino. A mudança que queremos exige de nós a reflexão crítica acerca do nosso fazer docente. Sendo assim, questionar nossas práticas e metodologias é fundamental para que haja maior aproveitamento e aprendizado de nossos alunos. Precisamos lembrar que a literatura não está sendo ensinada de maneira a garantir a fruição do texto literário, da palavra que nos humaniza. Por esse motivo, precisamos revisitar nossas práticas, questioná-las e experimentar novas metodologias para que o ensino de literatura se concretize por meio da leitura do texto literário e não pela biografia de autores como têm acontecido.

Por esses motivos, propomos com este trabalho uma alternativa metodológica para o ensino de literatura por meio do método recepcional, sistematizado pelas autoras Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993), exemplificado na obra *“Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas”*.

As obras literárias que serão analisadas neste trabalho são *I love my husband*, de Nélide Piñon e *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. Tais narrativas apresentam um tema relevante na atualidade, a questão da mulher em nossa sociedade.

A escolha pelo tema não foi aleatória, pois acreditamos que o público em geral tem familiaridade com ele, inclusive alunos de ensino médio, público alvo desta proposta de trabalho. A escolha pelo gênero conto, por sua vez, se deu pela extensão da narrativa. Sabemos que propor atividades com textos mais longos, como alguns romances, fica mais difícil de se trabalhar para sala de aula.

Acreditamos que o método recepcional poderá ser uma ferramenta a mais para que os professores possam trabalhar com esses contos em sala de aula. Por isso, a aplicação do método realizada neste estudo propõe saberes para aplicação prática em sala de aula, uma proposição apenas, nada que deve ser seguido às cegas ou como imposição ao trabalho do professor.

É importante salientar, portanto, que este trabalho não será realizado em pesquisa de campo, pois devidos às condições atuais, com o surto de covid 19, os alunos não voltaram em tempo oportuno para a aplicação prática em sala de aula. Por esse motivo, escolhemos o termo cogitar, que nada mais é do que pensar com insistência a respeito de algo, neste caso, o método recepcional e suas possibilidades de aplicação para leitura escolhidas neste trabalho.

A primeira parte deste trabalho implicará na análise bibliográfica sobre a estética da recepção e o método recepcional. Para isso, utilizaremos de alguns autores como Jauss e suas considerações sobre o leitor e obra literária. Também faremos menção às autoras Bordini e Aguiar, que são as idealizadoras do método.

A segunda parte se debruça sobre o tema deste trabalho que é cogitar o método recepcional na prática docente. Trata-se de uma sugestão de uma atividade prática na perspectiva do método recepcional. Trabalhamos com diversos textos dando destaque para os contos *I love my husband*, de Nélide Piñon e *A moça tecelã*, de Marina Colasanti. Fazemos considerações sobre os dois contos e apontamos alguns aspectos importantes de cada um deles, atentando-se para a temática da representação da mulher na sociedade.

A análise deste trabalho possui abordagem qualitativa e de natureza aplicada, propondo saberes para aplicação prática. Nosso estudo se enquadra numa perspectiva exploratória e o procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica.

Por ora sabemos dos inúmeros desafios que perpassam a vida do professor de literatura, ainda mais quando estamos falando da escola pública - da escassez de material para trabalhar dos baixos salários e das condições estruturais da escola pública no Brasil. Por outro

lado, o fazer docente exige de nós o compromisso ético com os alunos. Esse compromisso vislumbra a necessidade de trabalhar aquilo que favorece a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Consideramos o acesso à literatura como condição necessária para experiência da alteridade, do simbólico, do devaneio, enfim, do conhecimento humano.

Sabemos que o professor de língua portuguesa tem o arsenal básico para a prática pedagógica: o trabalho com a linguagem - gênese de toda criação humana. Posto isso, cabe ao docente fazer o bom uso da riqueza que permeia o texto literário. Essa riqueza não pode ficar escondida em práticas pedagógicas equivocadas e repetidas. É necessário sempre percorrer novos caminhos metodológicos para tentar fazer de nossas aulas uma rica experiência com o mundo das palavras.

## **2. O leitor: um percurso sobre a Estética da Recepção e o Método Receptional**

A década de 1960 foi marcada por diferentes acontecimentos. No campo da teoria literária um desses acontecimentos se deu na Alemanha, em 1967, numa conferência ministrada por Hans Robert Jauss na Universidade de Constança. Intitulada como “O que é e com que fim se estuda a história da literatura? ”, Jauss propõe um novo caminho para os estudos literários, uma alternativa com a finalidade de superar o objetivismo histórico que naquele momento balizava os estudos sobre as obras. A proposta do autor vem no sentido de fazer uma crítica bem incisiva no que diz respeito também ao ensino de literatura, sobretudo quando este ensino se pauta nos aspectos estruturais e formais do texto bem como na primazia dos estudos cronológicos de obras e autores, esquecendo-se de outra dimensão não menos importante e que para ele é questão essencial para a análise de uma obra e sua concretização enquanto objeto estético, a presença do leitor.

Conforme Zilberman (1989, p.10-11), “A estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda o foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, como Jauss o designa”. O leitor de agente passivo passa a ser responsável pela dinamicidade da obra e na concretização do seu aspecto histórico-social e estético. Sendo assim, a Estética da Recepção (ER) elege o leitor como elemento fundamental por atribuir sentido àquilo que lê, ou seja, o leitor, dotado de uma historicidade e vivência cultural, atribui sentido a obra e dá-lhe a dinamicidade necessária para sua perpetuação junto à posteridade.

Em certo sentido, o contexto da ER delineado por Jauss se deu no objetivo de criar uma nova perspectiva para os estudos literários da década de 60. De fato, até aquele momento o ensino de literatura pautava-se numa concepção engessada, ancorando-se, sobretudo, nos ideais do marxismo e formalismo. O tom provocativo do autor vem na tentativa de preencher as lacunas deixadas por essas vertentes teóricas. Sendo assim, a crítica à teoria marxista encerra-se no entendimento de que a obra é fruto apenas das relações sociais, criando um juízo de valor que se pauta na representação das estruturas sociais em detrimento de uma categorização estética mais ampla. Ora, a teoria marxista dava ênfase a aspectos sociais, como se a obra literária fosse a representação legítima das realidades contextuais, dos problemas e dilemas da vida social. Esse viés analítico foi amplamente questionado na ER.

A crítica ao formalismo, por sua vez, incide na autossuficiência da obra, que basta-se a si mesma e independe de fatores externos para sua concretização e essa postura dos

formalistas também foi questionada pelo autor. Os formalistas acreditavam que aspectos formais da obra literária eram suficientes para sua composição estética, menosprezando aspectos externos à obra. No entanto, Jauss considerava inadmissível julgar uma obra do ponto de vista estético somente por sua organização interna. Para ele era preciso superar esse dogmatismo presente nas duas teorias e sobre isso escreve:

Com isso, ambas privam a literatura de uma dimensão que é componente imprescindível tanto do seu caráter estético, quanto de sua função social: a dimensão da sua recepção e de seu efeito. Leitores, ouvintes, espectadores – o fator público em suma, desempenha aquelas duas teorias literárias um papel extremamente limitado[...] Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem a obra visa. (JAUSS, 1994, p. 22-23).

Evidentemente, para Jauss a presença do leitor valida toda experiência com o texto literário. Toda valorização do texto enquanto arte passa pelo crivo do dele e não o contrário. Se o leitor nas teorias anteriores era colocado à margem, agora ele emerge como partícipe na construção da historicidade da obra. Em certo sentido, a teoria da recepção proposta por Jauss nos revela que a qualidade estética de uma obra só pode ser medida a partir da experiência daquele que lê.

Para o autor, a relação leitor e obra possui implicações de natureza estética e histórica. Estética porque, ao ler uma obra, o leitor faz uma avaliação do seu potencial estético. Isso acontece em ocasião de uma série de relações estabelecidas com outras obras já lidas anteriormente por este leitor que as compara. O caráter histórico, por sua vez, concretiza-se quando uma obra é lida por diversas gerações e cada uma delas extrai possibilidades de recepção, o que permite, também, verificar a qualidade estética do texto literário durante gerações. Para Jauss, a qualidade de uma obra vincula-se necessariamente as possibilidades de recepção em tempos posteriores a que foi publicada. Segundo o autor, uma grande obra sempre despertará o interesse dos leitores futuros. Estes desejarão desvendar os não ditos e talvez encontrem as respostas para suas indagações.

Apoiando-se nessa mesma perspectiva de um leitor dotado de historicidade e implicações estéticas, Zilberman parece concordar com a proposta do teórico e por isso faz a seguinte ponderação acerca do leitor:

A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o contexto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com o seu destinatário. Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde

de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. (ZILBERMAN, 1989. p. 110).

Para Zilberman (1989), a ER de Jauss revelou-se importante devido à emancipação do leitor. Segundo a pesquisadora, a relação dialógica que existe entre obra e seu público/leitor possibilita a permeabilidade do universo subjetivo bem como das experiências daquele que lê. Sendo assim, o leitor literário na ER traz para sua realidade vivencial acontecimentos da esfera ficcional. Ao mesmo tempo, é impelido a trazer para o elemento ficcional fatos quotidianos e históricos dos quais vivenciou.

De certa maneira, o leitor na teoria da recepção é dotado de historicidade e não é visto como uma tábula rasa em que os sentidos do texto lido são depositados. Por isso, o termo recepção jamais deve ser entendido como um ato de receber algo, como se o leitor estivesse sujeito aos interesses da obra e nenhum movimento fosse necessário para o seu desvendamento. De maneira alguma, a recepção aqui tratada compreende necessariamente a interação que se estabelece entre autor, a obra literária e o seu leitor, num diálogo contínuo e de transformação de horizontes.

Para Zilberman (1989), o conceito de leitor apresentado por Jauss em sua teoria manifesta-se em dois conceitos eminentemente convergentes. O primeiro é denominado horizonte de expectativas e o segundo da emancipação. O horizonte de expectativas ancora-se nas experiências individuais de cada leitor. De certo modo, o horizonte de expectativas pode ser entendido como nossa visão de mundo. O leitor diante do texto já possui algumas crenças, ideias e valores. Ele transporta tudo isso para leitura.

A emancipação, por sua vez, pode ser compreendida como uma potência do texto literário que possibilita a aquele que lê ter uma experiência que até então não teve e que só a leitura da obra é capaz de proporcionar. Dessa forma, tanto o conceito de horizonte de expectativas como de emancipação convergem à medida que possibilitam a transformação das próprias convicções, crenças e comportamentos dos sujeitos históricos, ou seja, dos leitores.

Sobre o horizonte de expectativas Jauss escreve:

O horizonte de expectativa da literatura distingue-se daquele da práxis histórica pelo fato de não apenas conservar as experiências vividas, mas também antecipar possibilidades não concretizadas, expandir o espaço limitado do comportamento social rumo a novos desejos, pretensões e objetivos, abrindo, assim, novos caminhos para a experiência futura (JAUSS, 1994, p. 52).

Como se observa nesse fragmento, a literatura, diferentemente da história, é atemporal. Isso significa que há sempre um novo escondido nas entrelinhas do texto e também nas

considerações do leitor que pode ter novas possibilidades interpretativas a partir de sua bagagem enquanto sujeito histórico.

Apropriando-se da Estética da Recepção proposta por Jauss, e mais precisamente do conceito de horizonte de expectativas presente em sua obra, as autoras brasileiras Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini sistematizaram um método de ensino de literatura denominado Método Recepcional. Segundo as pesquisadoras, este método se apresenta como alternativa aos métodos tradicionais de ensino de literatura porque vislumbra o papel fundamental do leitor no processo de recepção de uma obra.

Seguindo o mesmo viés crítico do teórico de Constança, as autoras ponderam o fato de que as metodologias de ensino de literatura ancoram-se numa perspectiva positivista que visa somente à cronologia das obras numa espécie de sistema fechado em detrimento, é claro de questões estéticas mais específicas e das considerações do leitor enquanto sujeito produtor de sentidos.

Partindo das considerações críticas a este modelo de ensino, Bordini e Aguiar revelam que o MR parte de um pressuposto comum também a ER de Jauss: o leitor é o agente fundamental no processo de recepção de uma obra. Este é percebido como alguém que a concretiza e lhe dá o significado por meio do cruzamento de horizontes que se estabelece num processo interativo - leitor e obra confrontam seus horizontes. Conforme as idealizadoras do método,

Ao produzir /receber o texto, os horizontes de expectativas se confrontam uma vez que as expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a eles transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se. Daí pode-se tomar a relação entre expectativas do leitor e a obra em si como parâmetro para avaliação estética da literatura (BORDINI; AGUIAR 1993, p. 83).

Vislumbrando uma experiência com o texto literário, o MR trabalha com as possibilidades interpretativas da obra, o que favorece não somente a ampliação da visão de mundo do leitor, mas a sua própria condição social que pode ser afetada pela mudança de paradigmas. Assim, o método em questão tem como prioridade fazer o alargamento das experiências, dando condições para que o sujeito leitor saia de uma situação de comodidade que se dá por meio de leitura mais fácil, ou seja, aquilo que já é esperado por ele, para uma leitura mais exigente que por vezes causa estranhamento, mas possibilita a ampliação do seu repertório literário e cultural. Ao mesmo tempo, o MR promove reformulações nas exigências deste leitor no que se refere a sua experiência de mundo. Essas reformulações se concretizam à medida em que a obra solicita dele, o leitor, uma compreensão maior.

Assim sendo, a atividade de leitura fundada nos pressupostos da estética da recepção deve enfatizar a obra “difícil”, uma vez que nela reside o poder de transformação de esquemas ideológicos passíveis de crítica. O caráter iluminista dessa teoria, que no fundo pretende investir a literatura e arte de uma forma revolucionária, capaz de afetar a História, insiste na qualificação dos leitores pela interação ativa com os textos e a sociedade. (BORDINI; AGUIAR 1993, p. 85).

Como se observa, a metodologia apresentada pelas autoras fundamenta-se na participação ativa dos alunos com os diferentes textos e partindo do horizonte de expectativas de cada leitor bem como de um grupo específico. Sendo assim, para as pesquisadoras o sucesso do método somente será assegurado quando os objetivos em relação aos alunos forem alcançados pelos seguintes passos:

- 1) Efetuar leituras compreensivas e críticas
- 2) Ser receptivos a novos textos e leitura de outrem
- 3) Questionar as leituras efetuadas em relação ao seu próprio horizonte cultural
- 4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social. (BORDINI E AGUIAR, 1993, p.86).

Para as autoras, o método recepcional enfatiza comparação entre o familiar e o novo. Isso significa dizer que o trabalho com o método abrange questões de conhecimento comuns aos alunos e outros que se apresentam como novidade. Segundo as pesquisadoras, este método permite a gradação das atividades mais simples para as mais complexas e isso se dá em forma de espiral, numa espécie de continuidade da experiência com os textos e as temáticas por eles apresentadas.

Bordini e Aguiar (1993) salientam que é sempre bom que se trabalhe a partir de textos que pertencem ao arsenal comum dos alunos - a diversidade de gêneros, documentos de outras épocas, questões regionais, temáticas variadas e diferentes níveis de linguagem e gêneros textuais bem diversificados. Isso significa que o professor também tem a liberdade de utilizar outros tipos de textos que não literários para ajudar no processo de recepção dos alunos com o objetivo de alargar o horizonte de expectativas de cada um deles.

Para as pesquisadoras, o trabalho com o método apóia-se rigorosamente no diálogo com os estudantes e no debate sensato acerca das leituras realizadas em sala de aula. O professor deve partir de um horizonte comum para lograr êxito na leitura de textos esteticamente mais sofisticados.

Segundo Bordini e Aguiar (1994), o MR é eminentemente social porque pensa o sujeito em constante interação com os demais na pretensão de transformar não somente o horizonte de expectativas do aluno enquanto sujeito da história, mas de toda a comunidade da



qual o professor também faz parte. Sendo assim, a transformação dos horizontes é a principal motivação da existência do método proposto pelas autoras.

Bordini e Aguiar (1994) salientam que para essa transformação acontecer alguns conceitos básicos precisam ser considerados, entre eles: a aceitação da novidade, do diferente, a receptividade, a concretização, a atualização do texto no que se refere a aspectos imaginativos, a ruptura, o distanciamento crítico do aluno diante de seu próprio horizonte cultural, das suas certezas e costumes, o interesse, ideias, assimilação, percepção e adoção de novos sentidos que serão incorporados ao universo do aluno/leitor.

Para as pesquisadoras, o planejamento de uma unidade de ensino que se baseia no método recepcional deverá conter, num primeiro momento, os conceitos supracitados. Desse modo, pretendendo romper com os modelos tradicionais de ensino e partindo do horizonte de expectativas dos alunos com a finalidade de aprimorar a experiência estética ideológica destes, o MR compõe-se de cinco etapas a serem seguidas, a saber: 1) Determinação do horizonte de expectativas, 2) Atendimento ao horizonte de expectativas, 3) Ruptura do horizonte de expectativas, 4) Questionamento do horizonte de expectativas, 5) Ampliação do horizonte de expectativas.

A primeira etapa denominada de determinação do horizonte de expectativas consiste na apresentação de temas de interesse comum da turma, suas preferências de leitura. O professor pode fazer a sondagem desse horizonte mediante os comentários dos alunos, reações e experiências de leituras anteriores.

Segundo Bordini e Aguiar (1994), visando à ruptura e a transformação dos horizontes, esta primeira etapa serve para o professor sondar os valores preconizados pelos alunos, suas crenças, preconceitos, modismos e estilos de vida. Para as autoras, o processo de recepção inicia-se antes mesmo da leitura efetiva de um texto literário, daí a importância de se determinar o horizonte da turma.

A segunda etapa é denominada atendimento de horizonte de expectativas. Para Bordini Aguiar (1994), esta etapa se realiza mediante o oferecimento de textos que satisfaçam as necessidades dos alunos. É importante considerar que: os elementos temáticos devem despertar a atenção e a metodologia de ensino deve ser organizada por meio de procedimentos já conhecidos pelos alunos. Nesta etapa as organizadoras do método sugerem que o professor proponha textos cujos temas ou composição sejam procurados. Isso pode ser dar tanto na literatura quanto em outros meios de expressão.

A terceira etapa é denominada ruptura do horizonte de expectativas. Ela é responsável pela introdução leituras que abalem os costumes e as certezas dos alunos. As atividades de

leitura nesta fase precisam apresentar semelhanças temáticas, de modo a assegurar a experiência com esses novos textos. No entanto, os aspectos composicionais da leitura devem ser diferentes, conforme orienta as autoras. De certo modo, o aluno aqui nesta etapa precisa sentir segurança de modo que não venha a rejeitar essa nova experiência.

A quarta etapa é denominada questionamentos do horizonte de expectativas. Segundo as autoras do método haverá nesta fase uma comparação dos textos já lidos por parte dos estudantes. Aqui os alunos discutem quais textos eram mais difíceis e que exigiram uma reflexão maior e um grau de satisfação pelas novas descobertas. Este é o momento em que os alunos, mediante o aprendizado escolar e experiência social, verificam se a bagagem que eles trazem proporcionou o entendimento dos textos trabalhados.

A quinta etapa é denominada a ampliação do horizonte de expectativas. Para Bordini e Aguiar (1994) esta é resultante das reflexões feitas nas etapas anteriores. Aqui os estudantes precisam compreender que as leituras e atividades realizadas fazem parte não somente de uma questão institucional de um dever escolar, mas também sobre a forma como eles enxergam o mundo. Nesta etapa os alunos devem estar cientes de que os horizontes foram alterados e que eles precisam dar continuidade no processo de ampliação.

### 3. COGITANDO O MÉTODO RECEPCIONAL NA PRÁTICA DOCENTE

Passamos pelos aspectos teóricos que delimitam o quadro do horizonte de expectativas na teoria de Jauss e conseqüentemente pelas considerações das autoras Bordini e Aguiar, idealizadoras do método recepcional.

Agora iremos partir para as possibilidades de aplicação prática do método. Assim como foi mencionado na introdução deste trabalho, há de se considerar que se trata de uma sugestão para a prática do ensino de literatura em sala de aula. Como o método recepcional se reveste de novidade a escola brasileira, como menciona as autoras, acreditamos que ele possa servir como uma metodologia a mais para subsidiar às práticas de ensino de literatura em nossas escolas.

A tarefa do professor no trabalho com o método recepcional é a de, inicialmente, propor leituras que se aproximem do universo de referências dos alunos, dos seus valores, crenças e comportamentos. Por outro lado, cabe também ao professor criar oportunidade para que haja a ampliação do horizonte de expectativas. Isso se dará mediante um processo gradual de propor leituras que se afastem daquilo que é esperado por eles.

Para aplicação do método, apresenta-se uma proposta que pode ser dirigida a alunos do 2º ano do ensino médio. Contudo, cabe ao professor verificar se a turma escolhida é capaz de assimilar a proposta.

As atividades devem estar dispostas na mesma seqüência estabelecida pelo método. O eixo temático escolhido para desenvolver as atividades é a representação da mulher na sociedade. Para exploração do tema vários textos foram escolhidos. Embora o tema da representação da mulher seja comum a todos eles, os aspectos composicionais e os gêneros mudam. Conforme as autoras, essa mudança é prevista no método.

Como já mencionado, a primeira etapa corresponde a determinação do horizonte de expectativas. Este é o momento que o professor irá verificar as preferências dos alunos com o objetivo de prever estratégias de ruptura e alargamento. Para direcionar e motivar os alunos com relação à temática da representação da mulher na sociedade, o professor pode iniciar os trabalhos apresentando aos alunos comerciais de cerveja que geralmente trazem mulheres para fazer a propaganda do produto.

O docente deverá selecionar vários comerciais com esse viés e apresentar aos alunos. É importante lembrar que a internet é farta dessas propagandas e o professor tem a liberdade para escolher as mais pertinentes ao tema e de acordo com a faixa etária dos alunos.

Tendo realizado a apresentação dos comerciais aos alunos, o professor poderá pedir que eles falem o que mais lhes chamou a atenção nesses comerciais. Nessa hora o mestre tem que estar bem receptivo para poder ajudar os estudantes em preparação as próximas etapas do método. O mestre pode fazer perguntas no sentido de incentivá-los a debater o tema. Exemplo: por que os comerciais de cerveja geralmente apresentam mulheres? Depois de os alunos terem feito as suas considerações, o docente pode travar uma discussão a respeito da desigualdade de gênero, a dominação masculina retratada pelos comerciais de cerveja, o estereótipo de mulher sensual, a mulher reduzida ao corpo e o conceito de prazer que se estabelece entre o corpo da mulher e a garrafa/lata de cerveja.

Prosseguindo ainda nessa primeira etapa, o docente pode utilizar-se de uma música de conhecimento dos alunos. Essa música deve apresentar alguma relação com o tema que estamos trabalhando. Por exemplo, sugere-se que para esse tema o docente escolha o gênero musical funk ou o sertanejo, contanto que a letra revele o estereótipo de mulher. Pode-se discutir com os alunos a questão da mulher como símbolo sexual, por exemplo. O professor pode pedir aos alunos que eles tragam letras de músicas que explorem o tema que está sendo discutido neste primeiro momento.

Partindo para a segunda etapa método, o atendimento do horizonte de expectativas. Nessa etapa o professor deve se ater a textos que satisfaçam os horizontes estabelecidos na primeira etapa. O docente deve começar a ampliar o repertório da turma trazendo textos mais elaborados. Neste caso, uma sugestão seria uma letra de música como mulheres de Atenas, de Chico Buarque. É interessante que os alunos tenham contato primeiramente com a letra da canção. Isso é importante porque o professor pode-lhes perguntar que tipo de texto aquela letra se enquadra. Seria um poema? Essa pergunta é importante porque os alunos poderiam tecer comentários acerca dos aspectos formais da canção. Feito isso, o docente apresenta-lhes a música de Chico Buarque, desta vez com melodia. Neste ponto o professor pode fazer uma roda para debater a letra da canção. Perguntas que poderiam ser feitas: do que se trata a canção? Qual é a condição da mulher nesta letra de música? Aqui o professor pode discutir a questão da objetificação da mulher enquanto reprodutora e explorar questões que reduzem a mulher ao domicílio doméstico.

Na terceira etapa, *a ruptura do horizonte de expectativas*, o professor deve trazer textos que abalem as certezas e os costumes dos alunos. As autoras orientam que o docente busque textos cuja composição ofereça uma maior dificuldade aos alunos. Contudo, que esse texto não se distancie para que os alunos não se sintam inseguros e rejeitem essa etapa do método.

Pensando na mesma linha temática, sugerimos que o professor possa trabalhar um texto em maior extensão. Neste caso elegemos o conto *I love my husband*, de Nélida Piñon, publicado no livro “*O calor das Coisas*”, Editora Record- Rio de Janeiro, extraído de “*Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*”, editora Objetiva- Rio de Janeiro, 2000, seleção de Ítalo Mariconi. Este conto retrata a história de uma dona de casa que faz de tudo para o seu marido e não mede esforços para agradá-lo. A descrição das tarefas diárias neste conto possibilita a compreensão de que a intenção personagem é convencer o leitor do amor incondicional ao seu marido. De certo modo ela corrobora em tudo para que ele não falhe enquanto homem. O sucesso dele dependerá das atitudes dela.

É interessante notar que no conto em questão as personagens não possuem nome. Essa questão nos possibilita inferir que há uma coletividade que se expressa pelos ideais do patriarcalismo. No conto o homem é o chefe da casa, responsável por mantê-la. A sua representatividade é bem significativa, pois a ele cabe o papel de fazer o país progredir. A mulher, por sua vez, fica presa no passado pelas regras ditadas que devem ser rigorosamente seguidas.

Cabe dizer, ainda, que a personagem mulher, do ponto de vista social, desempenha um papel secundário dentro da narrativa. A ela fica reservado o direito de não ter direitos. É um ser sem vontade, submetida aos ideais de uma sociedade machista. Não tem direito ao próprio corpo, ao prazer. A ela fica a responsabilidade da felicidade conjugal ou sua ruína.

Por sua vez, essa narrativa é permeada por questões que escacaram a invisibilidade da mulher enquanto um ser de vontades e direitos. Apesar de o conto ser marcado também pelos questionamentos da mulher/personagem diante de uma vida marcada por cerceamentos, no final da narrativa ela sucumbe aos ditames do marido e daquilo que a sociedade espera dela.

Enfim, é um conto marcado por essa desigualdade de gênero e riquíssima para exploração do tema que estamos trabalhando. Dessa forma, o professor pode explorar e discutir questões como: relações de poder, machismo, invisibilidade da mulher, valores sociais, papéis sociais, matrimônio, ciúmes e o amor.

O que se espera com a introdução deste conto é que haja uma ruptura. Apesar de o tema ser o mesmo, o aspecto composicional é bem diferente dos demais textos trabalhados. Assim, espera-se que os alunos percebam que estão entrando num campo diferente e mesmo assim não o rejeitem.

Entramos na quarta etapa, *o questionamento do horizonte de expectativas*: aqui o professor pode debater com os alunos sobre quais textos exigiram maiores reflexões seja em relação ao tema ou a estrutura do texto, os aspectos formais. O professor pode pedir para que os alunos façam uma discussão em grupo sobre os textos trabalhados e em seguida apresentem um cartaz apontando as semelhanças e diferenças sobre as representações de mulher em cada atividade proposta nas etapas anteriores. Como sugestão, o professor pode disponibilizar diversas revistas para que os alunos recortem as figuras de mulheres para que eles possam fazer a representação de acordo com cada etapa proposta até este momento.

Chegamos na quinta etapa proposta pelo método, *a ampliação do horizonte de expectativas*: nesta etapa espera-se que os alunos tenham adquirido maior maturidade para a leitura dos textos. O professor pode pedir para que os alunos façam uma avaliação das leituras anteriores e qual o impacto delas na vida deles. É importante eles perceberem que a literatura vai muito além do contexto escolar e que o texto literário se funde em certa parte com a nossa vida, com aquilo que a gente acredita. Ao mesmo tempo, que eles compreendam que o texto literário desfaz em nós muitos preconceitos e reconfigura nossas crenças e muitas vezes as refutam.

Pensando neste processo de ampliação, o docente pode trazer uma leitura que possa proporcionar o enriquecimento estético e cultural dos alunos. De fato, o processo do método parte do horizonte comum dos alunos com o objetivo de expandi-lo. Sendo assim, para esta etapa sugere-se um texto mais elaborado e neste caso elegemos, para a temática que estamos trabalhando, um conto de Marina Colasanti intitulado como A moça tecelã, publicado em 2004 pela editora Global. O conto de Marina Colassanti num primeiro momento chama a atenção pela riqueza poética e o encadeamento da narrativa. O ato de tecer parece vislumbrar a própria construção da vida da mulher, que tece por si mesma, aquilo que lhe interessa.

Logo nos primeiros momentos da narrativa a tecelã exerce seu ofício na construção simbólica de sua própria existência enquanto mulher. Ela manipula a natureza pelos fios, tece aquilo que julga mais pertinente ao momento. O ato de tecer mistura-se a própria vida, como se um fosse inseparável do outro. A protagonista vai tecendo sua própria vida pelo movimentar de suas mãos. "*Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer*".

Como o fenômeno literário nunca é neutro em si mesmo, como dizia Barthes, chama a atenção o fato de a personagem destecer o marido que criara por suas próprias mãos. Tal situação nos coloca na possibilidade de inferir de que ela, desejosa de um amor, cria o marido. No entanto, ao criá-lo, depare-se com a oposição entre o amor e a liberdade. De fato, podemos ver que o marido impõe a tecelã alguns condicionamentos e ordens. Ela, como não quer viver sob a égide dele, decidi destecê-lo.

Essa desconstrução do masculino na narrativa nos coloca diante de uma afirmação do feminino. Tal afirmação perpassa o conto do início ao fim. A mulher no seu ofício de tecer vai construindo sua vida de acordo com suas perspectivas. Se frustra em certo momento, mas reconstrói-se pelo movimentar de suas mãos. Em certo sentido, o conto é notadamente marcado pela afirmação da mulher como construtora de sua própria vida. É uma afirmação do universo feminino.

Neste conto o professor pode trabalhar questões do empoderamento feminino e revisitar os problemas atinentes a representação da mulher enquanto sujeito histórico. De fato, o conto em questão trabalha com uma nova representação de mulher que é dona da própria vida e não está mais sob a égide de um olhar masculino nem tampouco por aquilo que a sociedade lhe impõe. A representação da mulher no conto aparece atualizada com novos paradigmas sociais e pela busca de espaço e voz.

O conto A moça tecelã se aproxima muito de um conto de fadas. Pensando nessa perspectiva, o professor pode lançar o desafio para que os alunos possam encontrar diferenças entre um conto de fadas tradicional e o conto que eles acabaram de ler. Isso vai impulsioná-los na busca por essas diferenças e aumentar a possibilidade de alargamento dessa experiência com o texto literário.

É importante destacar que o método recepcional não se encerra com a ampliação do horizonte de expectativas, como se esta fosse a última etapa. Segundo Bordini e Aguiar (1994), a proposta do método é que sempre haja a ampliação de horizontes por parte dos alunos, do professor e de toda a comunidade escolar. Essa ampliação deve se dar de forma contínua. De fato, cada experiência com o texto literário promove no leitor a ampliação dos seus horizontes culturais e estéticos.

## 5. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O método recepcional pode se tornar uma boa metodologia no ensino de literatura em nossas escolas. Alia-se a isso o fato de ele compreender o leitor como o principal protagonista no processo de recepção de um texto literário. É certo que as metodologias vigentes no interior de nossas escolas têm marginalizado o leitor, relegando a ele um papel secundário no processo de interpretação de um texto.

Para sanar os problemas advindos da tradição escolar que privilegia os estudos cronológicos de obras e autores, o método recepcional emerge como possibilidade metodológica que considera a obra literária um sistema aberto que só pode ser preenchido a partir de um outro. Este outro é o seu leitor com seus horizontes diversos.

Na concepção de Antônio Cândido (1972), a literatura é um direito fundamental. Contudo, percebemos que o texto literário tem sido negligenciado em nossas práticas educacionais. Para contornar esse problema, podemos eleger o método recepcional como uma alternativa para a formação de leitores em nossas escolas.

Compreendemos, por hora, que o método em questão não fará o milagre educacional, de maneira alguma! No entanto, sua utilização possibilitará uma nova abordagem para o fenômeno literário no contexto escolar, o que já significa uma grande conquista. É evidente que o descrédito da literatura se dá muitas vezes por práticas pedagógicas equivocadas e metodologias ultrapassadas que não conquistam nossos interlocutores.

Trabalhar com o texto literário em sala de aula requer de nós o conhecimento das obras a serem debatidas e mais, uma abertura para aqueles que são os produtores de sentido do texto literário bem como de nossas ações pedagógicas.

Acreditamos que a utilização do método em sala de aula pode proporcionar maior engajamento dos nossos alunos nas atividades estabelecidas. Isso acontece porque ele prevê a participação dos alunos na construção dos sentidos do texto bem como das atividades por eles produzidas. Na ótica do método o aluno vai construindo saberes e estabelecendo relações de acordo com sua visão de mundo. Texto e leitor interagem e se constroem mutuamente.

Por fim, trabalhar com o método recepcional possibilita ao aluno o contato com os mais diversos gêneros e favorece sua autonomia literária. De fato, um dos méritos do método é colocar o aluno em contato direto com a obra com a finalidade de ampliar sua visão de mundo, dos valores da vida em sociedade e da construção da alteridade.

Se a literatura é um direito e não deve ser negado, que possamos garantir esse direito a todos aqueles que adentram nossas salas de aula.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. da G. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. “**O direito à Literatura**”. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global Editora. 2004.

COSTA, M. H. M. da S. **Estética da recepção e teoria do efeito**. Disponível em: [https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est\\_recep\\_teorias\\_efeito.pdf](https://abiliopacheco.files.wordpress.com/2011/11/est_recep_teorias_efeito.pdf). Acesso em: 15 mai. 2017

JAUSS, H. R. **História da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

PIÑON, Nélida. **I love my husband**. In: MORICONI, Italo (org.). Os cem melhores contos brasileiros do século. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 451-456.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.